

MAGALHÃES, Basilio de. São João em nosso folclore: e notas sobre os santos que servem de patronos. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 02 jul. 1947.

# SÃO JOÃO EM NOSSO FOLCLORE

(E NOTAS SOBRE OS SANTOS QUE SERVEM DE PATRONOS)

O Estado

BASILIO DE MAGALHÃES

2.7.1947

Dizer que Santo Antonio de Lisboa é o casamenteiro, por excelência, em Portugal e no Brasil, não basta. Cuida ele exclusivamente do matrimônio das moças, ao passo que o celoso encarregado do casamento das velhas é São Gonçalo de Amarante, também lusitano, natural da aldeia Bracarense de Arriconha, e cuja festa onomástica se realiza a 10 de janeiro, data em que transitou para a glória eterna. Dele tratei mais pormenorizadamente, — embora tivesse ainda escrito mais tarde sobre a sua "dança", tão disseminada em nosso país, — às pags. 252-255 da revista "Cultura Política" de maio de 1941.

Afirmar que Santo Antonio de Lisboa (que duidade curiosa, pois é o mesmo filho de Lisboa!) é o achador de coisas perdidas, exige um acréscimo imediato: é o de que conta ele, nesse mister, alguns concorrentes. Com efeito, já descobri em nosso país a existência de quatro: São Campelo, São Longuinho, São Vicente e São Vitor. O primeiro e o terceiro constam do trabalho do sr. Edmundo Krug, inserto no vol. XXIII da "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de S. Paulo", onde ele informa que, "para achar objetos perdidos, em Pernambuco ou se dão três vivas a São Vicente ou se acendem velas no campo, rezando a oração de São Campelo, isto é, o "credo" às avessas". O segundo é assim mencionado por Abgaur Bastos, à pag. 82 do seu romance "A Amazonia que ninguém sabe": "Quando se perde um objeto, chama-se São Longuinho, três vezes. E o objeto aparece". Quanto ao ultimo, consta do "Folclore pernambucano" (pag. 119), de Pereira da Costa, que ainda lhe junta a intervenção de espíritos talvez impossibilitados de atender a supplicas de vivos, por motivo do horrível lugar onde padecem: "Para achar um objeto perdido, basta oferecer três vivas a São Vitor, ou prometer-se qualquer coisa às almas do purgatório".

De tanta relevância era em nossa ex-metropole o recurso aos nunes catolicos em prol dos mortais ameaçados pelas não raras e temerosas fúrias da atmosfera, que o erudito poliglota Francisco José Freire nos deixou sobre isso um livro, intitulado "Santos patronos contra as tempestades dos raios, invocados em devotos hinos — Publicados por Candido Lusitano" (Lisboa, 1767). Vieram-nos de lá todos os taumaturgos até hoje considerados na ingente extensão do Brasil como intercessores contra os males provinciais da bobada celeste: Santa Barbara, contra as procelas; São Jerônimo, contra os raios; São José, para afugentar furacões; São Lourenço, para afastar ventos incômodos; São Francisco de Borja, para evitar os terremotos; Santa Clara, contra a chuva da prejudicial às searas e ao mourear humano. De tudo isso coligi fartos elementos em verso e prosa.

Foi às pags. 76-78 da excelente cronica de Faustino da Fonseca sobre "El-rei d. Miguel" (Lisboa, 1905) que se me deparou o primeiro rol de "santos patronos", invocados na terra de Afonso Henriques e de lá migrados no mesmo carater para o Brasil, o qual reproduzi às pags. 188-189 do meu esboço biográfico e critico de "Bernardo Guimarães" (Rio, 1926). Excluídos alguns que já aproveitei acima, eis os demais (postos por mim em ordem alfabética), por ele citados para diversos fins, sobretudo para as enfermidades do nosso organismo físico-psíquico:

— Santo Adrião, contra quebra-duras; Santo Amaro, contra as dores dos braços e das pernas; Santa Ana, contra a esterilidade das mulheres casadas; Santo Anastacio, contra quaisquer doenças físicas; Santo Antão, contra a erisipela; São Bartolomeu, contra os ladrões; São Bento, contra a mordedura de quaisquer animais venenosos; São Brás, contra os engasgos ou dores de garganta; Santa Brêida, contra dores de cabeça; São Caetano, contra as sezões; Santa Catarina Egipciaca, contra a falta de memoria; Santa Catarina de Sena, contra a varíola; São Domingos, contra

nos forneceu a base de todas as crendices que se elaram aqui às previsões pre-matrimoniais. Não dispondo de espaço para chamar a autoria, em tal sentido, os muitos escritores de alem-mar que cogitaram da influencia de São João ao referido aspecto, limitar-me-ei a transcrever as duas seguintes quadrinhas, as quais se me depararam às pags. 151 e 155 dos "Santos de casa", de Henrique Lopes de Mendonça, e mais duas outras anônimas, destinadas ao banho em agua corrente, pela noite do Batista:

"São João é recoveiro  
Da córte celestial:  
Traz carga de bons maridos  
Pras moças de Portugal.

São João é mestre físico  
P'ros males do coração:  
Até a mourisma pede  
Receitas a São João".

Na terra de Afonso Henriques, como se vê pela leitura dos bons mitógrafos de lá, a imagem do precursor do Cristo é levada processionalmente a um rio ou correjo, por um bando de rapazes e raparigas, o qual também se atria à agua, cantando antes e depois do banho:

"O meu São João,  
Eu vou me lavar;  
Se eu cair no rio,  
Mandai-me tirar!

O meu São João,  
Eu já me lavei.  
As minhas mazelas  
No rio deixei".

Esta ultima é a mesma que ainda se entoa em Pernambuco e se encontra, espiritualmente comentada, no capitulo "O banho de São João", às pags. 141-143 do interessante volume "Anquinhas e bernardas" (São Paulo, 1940), de Mário Sette.

O pressantificado, que batizou ao Cristo com a agua do Jordão, figura em nossos folcloristas e autores de obras de ficção de fundo regionalista, assim como em outros escritos, visantes a varios aspectos da nossa opulenta demopsicologia. Não me sendo possível citar todos os que conheço a proposito de tal assunto, adstringir-me-ei a mencionar os seguintes, em cujos livros ha material suficiente para um longo estudo sobre São João no populário brasileiro: Melo Moraes Filho, em suas "Festas e tradições populares do Brasil", abriu capitulo para "A vespera de São João" (pags. 101-111); nele se abeberou a talentosa professora Ester Ferreira Viana para a sua conferencia sobre "Bruxas e bruxedos" (1927); Magalhães de Azevedo cogitou da noite de São João no capitulo "O samba" (pags. 133-171) das suas "Baladas e fantasias" (Rio, 1900); J. Pessoa Guerra, em "O vaqueiro do nordeste" (Recife, 1934), dedicou todo um capitulo (pags. 111-138) a "Noite de São João"; De Paula Machado, em seu livro de contos "Topadas" (Rio, 1933), occupou-se das superstições ligadas às solenidades joaninas, no capitulo "Adivinhações" (pags. 181-188); e Martins d'Alvarez, em "O norte canta... — (Poesia popular)" (Rio, 1940), dedilhou a lira sobre o culto sertanejo do Batista em "Viva São João" e "Quando São João chegava" (pags. 75-79 e 97-100).

O influxo do solstício do verão, coincidente com a data atribuída ao nascimento do Batista, manifesta-se na crendice popular de que São João dorme durante toda a noite de 24 de junho, acalentado e vigiado por Nossa Senhora, porquanto, se ele despertasse, poria fogo no mundo. Reporta-se a isso o que assim conta Melo Moraes Filho: "Os negros despejavam nos braseiros carros de milho e carás, verdes canas e tenras espigas, e os moços e moleques, pulando as fogueiras, apareciam no alto daquela atmosfera ignea, abrindo a boca e gritando: — "Acorda, João!" Ao que muitos dos festejantes respondiam, cantando:

São João 'stá dorm'ndo,  
Não acorda, não!  
Dê-lhe cravos e rosas  
E mangericão!"

fogueira de São João um copo contendo pouca agua, e coloca-se dentro do copo, preso a um fio, que se segura com a mão, sem que ele atinja à agua, um anel de aliança: pelo tremer da mão, o fio começa a fazer movimentos, e tantas são as pancadas dadas pelo anel nas paredes do copo, quantos são os anos que o experimentador tem de esperar pelo casamento. Também se põe uma moeda de vinthem na fogueira, tirando-se-a para ser dada no dia seguinte ao primeiro mendigo que aparecer à porta da rua: o nome do pobre será o nome do noivo. Também se enche a boca de agua, ficando-se atrás da porta da rua: o primeiro nome, que for ouvido, é o do noivo". E, mais adiante: "Para, finalmente, se saber se se morrerá no mesmo ano, põe-se, no Ceará, uma bacia ou alguidar com agua, e olha-se para dentro: se não se vir a propria imagem, é prenuncio de morte proxima. Outros fazem a experiencia no fundo de uma cacimba".

Ainda com relação às crendices rupciats, condicionadas à influencia do Batista, menciona Edmundo Krug as outras seguintes, provavelmente gerais, porquanto ele não lhes indigita o local em que ocorrem no nosso país: Na noite joanina, "tomam-se três pratos, um deles fica sem agua, no segundo põe-se agua limpa e no terceiro agua suja; quem fizer a experiencia, aproxima-se, com os olhos vendados, dos pratos, e põe a mão sobre um deles: o prato sem agua não dá casamento; o de agua suja indica casamento com vivo; e o de agua limpa com solteiro. Duas agulhas são metidas numa bacia de agua: se elas se juntarem, indicam casamento proximo. Para uma pessoa saber se o casamento está proximo, plantará, três dias antes de São João, três cabeças de alho: tantos serão os anos que deve esperar pelo casamento, quantas forem as cabeças que aparecerem germinadas na noite de São João; e, se cabeça alguma germinar, é sinal de que a pessoa não se casará".

Não está ainda esgotado o filão folclórico da Terra de Sol, pois que lá, conforme ajunta o abalizado escritor paulista, "o remedio mais eficaz para mentir que molha a rede ou cama é faze-lo sair à rua, com uma pedra ou esteira velha à cabeça, e faze-lo gritar onde parar: — "Viva São João! Uma esmola para um milhão!".

Descreve De Paula Machado, em suas "Topadas" (pags. 183-184) um dos mais vulgares sortilégios joaninos: "A adivinhação da mesa posta é a que mais preocupa a mocidade nas noites de São João. Uma pequena mesa, forrada com uma toalha bem limpa, com talheres, pratos e copos para duas pessoas. Duas velas acesas à cabeceira da mesa, junto da qual fica uma cama, onde deve dormir a pessoa que faz a adivinhação. O que tiver de suceder aparecerá em sonho, cujo cenário é a mesa. Quando a moça, que faz a adivinhação, tiver que se casar, aparecerá a mesa, fazendo refeição ao lado do noivo. Se se tratar de ruorte, sonhará com um calção estendido por sobre a mesa. Enfim, se tiver de viajar, verá uma embarcação ou qualquer coisa que der idéia de viagem".

Em meu Estado natal, era costume fazer-se o convite de compadrio pela noite de São João, aguardando-se a resposta definitiva pela festa de São Pedro e São Paulo (29 de junho). Como se verifica por uma das poesias de Martins d'Alvarez, assim também ocorre na região setentrional do nosso país (notando-se que o apostolo dos gentios não aparece ao lado do seu companheiro de martírio):

"São João disse,  
São Pedro afirmou  
que seremos compadres,  
porque São João mandou.  
— Viva São João, compadre!  
— Viva nós, compadre!"

Ser-me-lha difficil acreditar infulsise o Batista no sentido de vender alquem a alma e

